

Acervo  
ISA  
Portugal / Cont. ESC 690\$00 USA US\$ 5.00

Ano II N° 101 24 de abril de 2000

# EPOCA

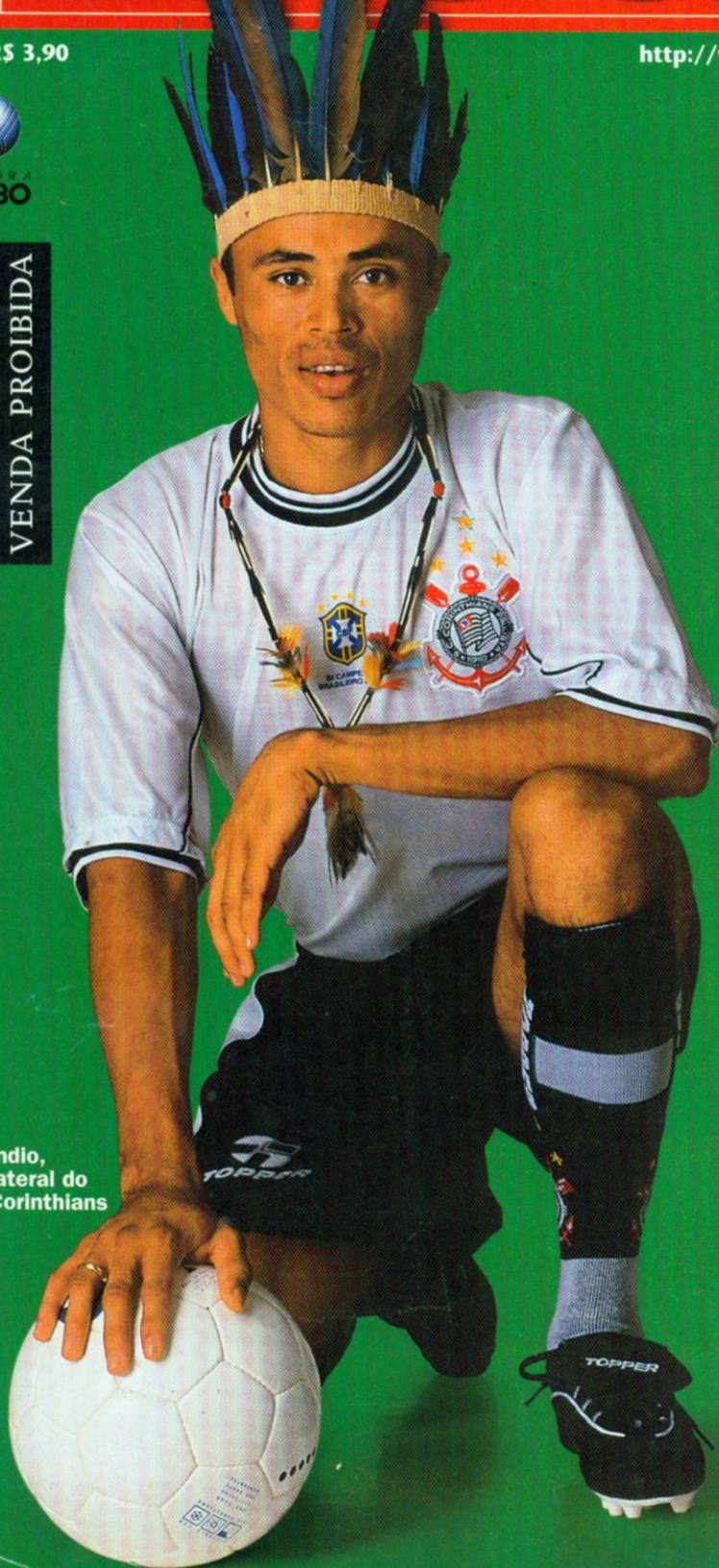
R\$ 3,90

<http://www.epoca.com.br>



EXEMPLAR DE ASSINANTE  
VENDA PROIBIDA

Índio,  
lateral do  
Corinthians



**WILSON SIMONAL**

**Condenação sem julgamento**

**FMI/BANCO MUNDIAL**

**Rebeldes elegem vilões do ano 2000**

**PESQUISA**

**Sanduíche conquista o paladar nacional**

## A SAGA DO JOGADOR QUE VEIO DA SELVA RESUME 500 ANOS DE BRASIL

POR RICARDO KOTSCHO



500 ANOS

# A SAGA DOS SÁ

Alegrias e tristezas da família do primeiro jogador indígena a vestir a camisa de um grande time e da Seleção Brasileira

RICARDO KOTSCHO, COM  
FABIANO ACCORSI (FOTOS)

**É** POCA refaz a trajetória da família do jogador José Sátiro do Nascimento, o Índio – um índio de verdade, que só saiu da aldeia aos 16 anos. Descoberto por um técnico do Vitória, da Bahia, em 1995, em menos de cinco anos ele se tornou campeão do mundo pelo Corinthians e vestiu a camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Juniores. A saga dos Sátiro Xukuru resume 500 anos de luta em busca de uma terra para viver, desde que a frota de Cabral chegou a Porto Seguro. É uma história que passa por Palmeira dos Índios, em Alagoas, onde Índio nasceu, Ibotirama e Quixaba, na Bahia, e agora está ancorada em Guarda dos Ferreiros, em Minas Gerais, à espera de uma decisão da Funai. Nas páginas que se seguem, mostramos os conflitos e as festas, as mortes e as conquistas que fizeram a história desses brasileiros – uma família de cinco séculos. ▶

**DANÇA DA BOLA**  
Os dois mundos de Índio se encontram no gramado do Parque São Jorge – a camisa do Corinthians e os adereços usados pelos xucurus na dança do toré, uma tradição que ele ajuda a manter viva na aldeia. Pelo menos uma vez por ano, Índio deixa São Paulo para puxar os passos de balé dos antepassados



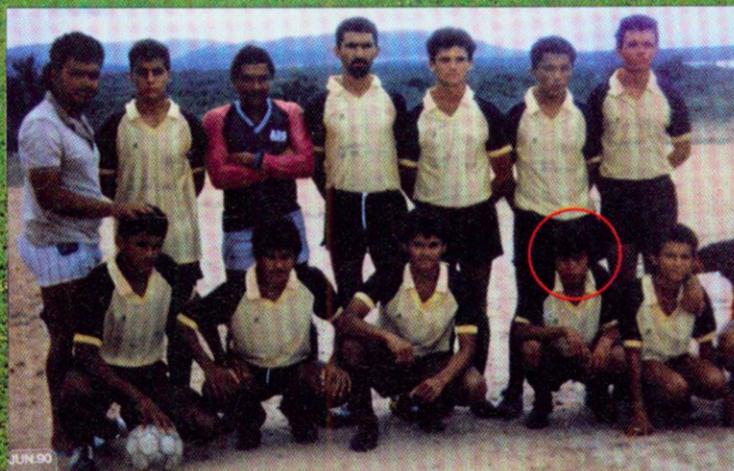


**O SOBRENOME**  
Um documento de 1758, assinado pelo rei dom José I, criou o Diretório Indígena – que exigia que os silvícolas adotassem nomes de origem portuguesa, como Sátilo

# TIRO XUKURU



**Nome:** José Sátilo do Nascimento  
**Apelido:** Índio  
**Nascimento:** 3/4/1979  
**Local:** Palmeira dos Índios (AL)  
**Altura:** 1,75 metro  
**Peso:** 68 quilos  
**Posição:** lateral-direita  
**Primeiro time:** Nacional de Quixaba (BA)  
**Time atual:** Corinthians  
**Títulos:** campeão da Copa São Paulo de Juniores (1999); campeão paulista (1999); campeão brasileiro (1998 e 1999); e Mundial de Clubes (2000)



Reprodução

JUN 90

**PROMESSA** Em 1990, titular do Nacional de Quixaba (no círculo)

SÃO PAULO

# Na taba de São Jorge

No caminho até o Corinthians, o desafio foi a saudade da aldeia



Milhões de brasileiros que assistiram pela TV à vitória do Corinthians na

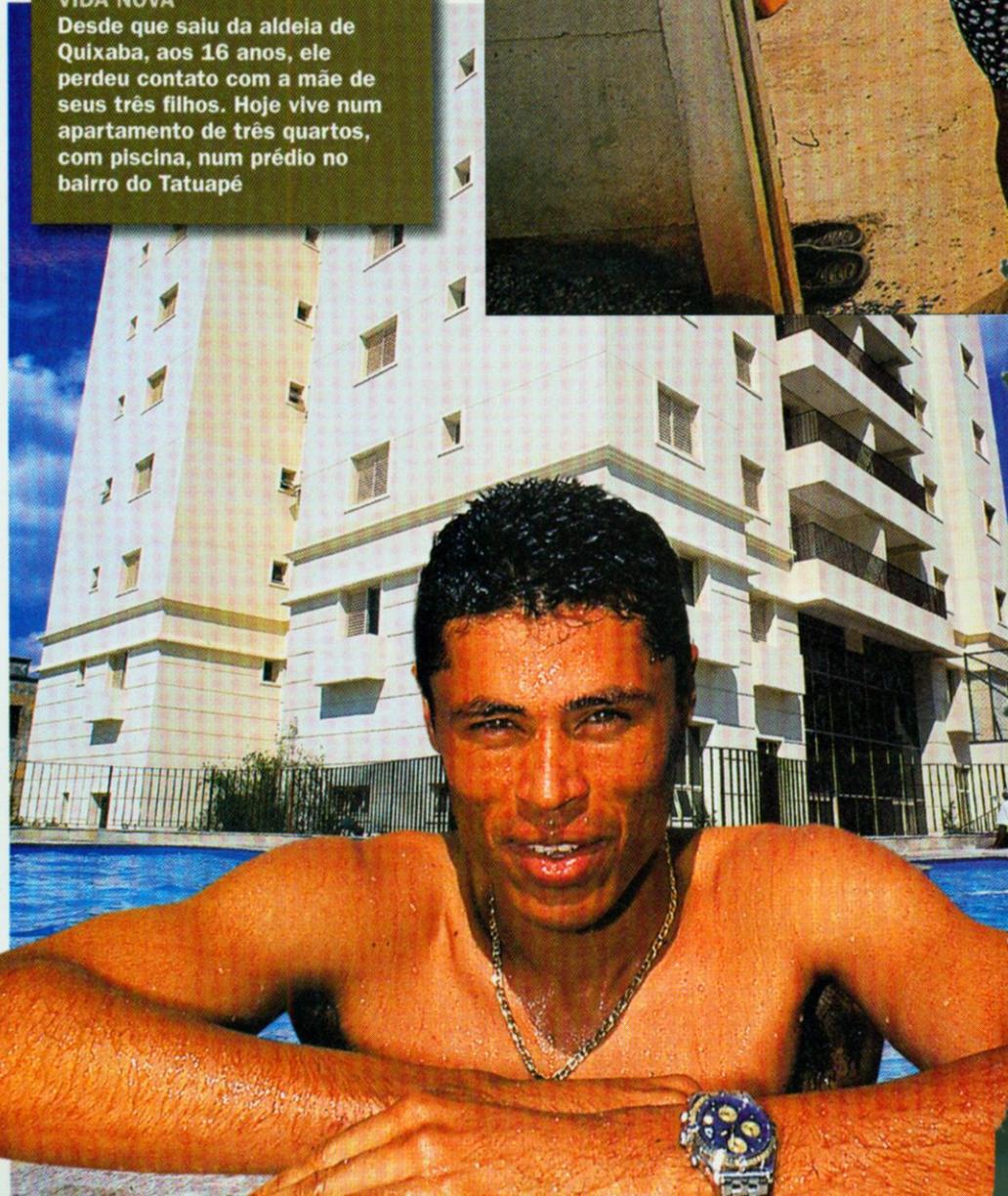
disputa de pênaltis contra o Vasco da Gama, conquistando o primeiro Mundial de Clubes da Fifa, em janeiro, não entenderam nada. Enquanto os campeões corriam e pulavam pelo gramado do Maracanã, festejando o título inédito, um jogador não parava de chorar. E não era de alegria, mas de dor – a dor de um índio.

Poucas horas antes do jogo, José Sá-tiro do Nascimento, o Índio, ficara sabendo que a mãe, Maria Goreti, estava doente, com suspeita de derrame. O diagnóstico não se confirmou. Mas aquela mistura de sentimentos, no limite da glória e da tragédia, marcará a vida do menino nascido e criado numa aldeia – como marcou a trajetória de sua família desde sempre.

Aos 21 anos, completados em 3 de abril, o lateral-direito do Corinthians, que os pais chamam de Nena, vive um sonho permanente em que ele mesmo custa a acreditar. "Nunca pensei em ser jogador de futebol de time

## VIDA NOVA

Desde que saiu da aldeia de Quixaba, aos 16 anos, ele perdeu contato com a mãe e seus três filhos. Hoje vive num apartamento de três quartos, com piscina, num prédio no bairro do Tatuapé





**ESPERA** A família Sátiro Xukuru, reunida na frente da casa alugada em Guarda dos Ferreiros (MG), no dia do aniversário do cacique, sonha com um pedaço de terra

**Se medo fosse  
semente, eu tinha  
que plantar logo  
cinco para ver se  
nascia uma em mim**

**CACIQUE ZEZINHO,**

*pai do jogador*



profissional, ainda mais do Corinthians", diz. Olha para o chão, fala baixo, quase pede desculpas por estar ali, no Parque São Jorge de tantos ídolos, cercado de fãs em busca de autógrafa.

**A história que ele começa a contar** parece mesmo inverossímil. Sentado nas arquibancadas depois de um treino, as lembranças voltam no tempo até o campinho de pelada na aldeia dos xucurus-cariris no povoado de Quixaba, município de Glória, a 30 quilômetros de Paulo Afonso, no norte da Bahia. Faz apenas cinco anos. Até então, nunca tinha saído da aldeia às margens do Rio São Francisco nem para ir à escola do povoado. Caçava, pescava, ajudava nas plantações de melancia, tomate e feijão, alimentava-se de comida sem sal, dançava ao som da sanfona do tio Francisco e jogava bola (feita de meia ou saco plástico encheidos de papel) com os irmãos e primos. Quem o descobriu pela primeira vez foi Eronildo José de Araujo, o Nino Fla, técnico do Nacional, um time de várzea de Quixaba. Depois,

Luciano Reis, um olheiro do Vitória, o levou para Salvador, em 1995.

Não foi fácil convencê-lo. Apegado à família, levou um choque quando viu o mar pela primeira vez em Salvador. "Nossa, que rio grande!", eu falei. O pessoal do Vitória gozava direto", lembra o jogador. "Eu achava tudo muito estranho. Não acostumei. Um dia, fui embora escondido para a aldeia, sem falar com ninguém. Meu pai disse: 'Fica aqui, futebol não dá dinheiro'. Hoje, acho que ele mudou de idéia..." Acabou voltando para Salvador, foi jogar pelo Vitória contra os juniores do Corinthians no Parque São Jorge – e terminou descoberto pela terceira vez. Trocou Salvador por São Paulo no final de 1996 e rapidamente conquistou o primeiro de seis títulos: campeão paulista de juniores no ano seguinte. Logo seria descoberto pela quarta vez. Agora, por Wanderley Luxemburgo, o técnico da Seleção Brasileira, que o promoveu ao time principal do Corinthians. ▶



**TETO SOLAR** Com a namorada, a bordo de seu Astra GLS

# A VIAGEM

As aventuras e os percalços dos Sático Xukuru pelo Brasil



Arquivo Ed. Globo

## LAMPIÃO

Virgulino Ferreira da Silva tornou-se uma lenda no Raso da Catarina, o maior deserto brasileiro, situado num quadrilátero delimitado pelas cidades de Jeremoabo, Paulo Afonso, Macururé e Canudos. Lampião, o rei do cangaço, morreu numa emboscada em 28 de julho de 1938

Foi Luxemburgo quem arrumou uma professora particular, tia Denise, para que Índio aprendesse pelo menos o bê-á-bá. Não demorou para viajar para o Exterior e vestir a camisa da Seleção Brasileira Sub-20. Na volta, a primeira providência foi levar uma revista para que o pai – nome indígena Uarcana, batizado Antonio José Sático do Nascimento, o cacique Zezinho – visse Nena com a camisa da Seleção. Falar da família o incomoda, dá saudade. “Se começar a pensar nos parentes, vou embora. Se telefonar todo dia, o salário não dá.”

**Jogador de futebol não gosta** de conversar sobre salário, mas é ele quem toma a iniciativa. “Ganho R\$ 5 mil por mês. Para mim é bastante dinheiro. Mas sei que tem jogador aqui ganhando 15, até 40 mil. Não dá para falar com os homens aí para me dar um aumento?”, reivindica, sem imaginar que os top de linha do time estão na faixa dos R\$ 120 mil por mês – e também vivem pedindo aumento. Com os prêmios que ganhou pelos títulos (um paulista, dois brasileiros e o mundial), comprou um celular, um apartamento de três quartos no bairro paulistano do Tatuapé, perto do Parque São Jorge, e um Astra GSL. Ainda não tirou carteira de motorista, mas não se preocupa com isso. “Quando o guarda me pára e vê que sou eu, só pede autógrafa...” Há três anos em São Paulo, Índio nunca foi ao centro da cidade, não conhece o metrô, nunca foi ao cinema. “Dá medo sair do bairro sozinho. Minha vida é aqui mesmo.” ▶

## 7 Petrolina (PE)–São Paulo (SP)

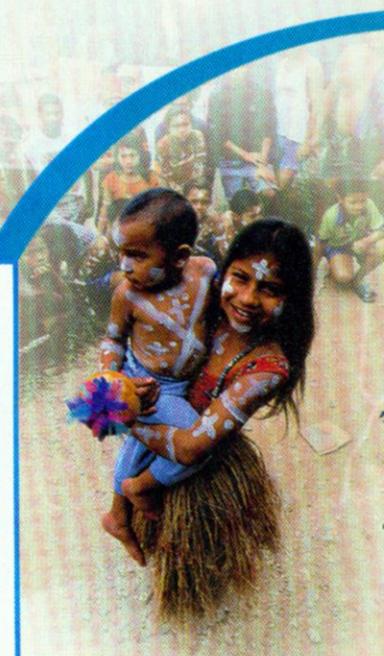
Separados da aldeia dos xucurus e cariris de Quixaba pelo Rio São Francisco, os pancararus de Petrolina, em Pernambuco, começaram a migrar para São Paulo no início dos anos 50. Seus destinos se cruzaram meio século depois: foi no Morumbi, estádio que operários pancararus ajudaram a construir. E hoje eles vivem novamente próximos, às margens de dois rios – Índio, no Tatuapé, banhado pelo Tietê; os pancararus, na Favela do Real Parque, no Morumbi, em frente às águas poluídas do Pinheiros



## CANUDOS

O beato Antônio Conselheiro liderou a população de Canudos no arraial de mais de 5 mil pessoas crescido em 1895 no sertão baiano e dizimado pelo Exército

Reprodução



Fabiano Accorsi/EPOCA

## 6 Quixaba (BA)–Guarda dos Ferreiros (MG)

Enquanto Índio conquistava títulos, os Sático Xukuru viram-se envolvidos em nova tragédia. Jânio, o irmão mais velho, foi acusado da morte de um jovem. Perseguidos pela polícia, os Sático Xukuru foram obrigados a procurar outro destino. Estão hoje numa casa alugada em Guarda dos Ferreiros, povoado de São Gotardo, em Minas Gerais

**GRACILIANO**  
 O autor de *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere* nasceu em Quebrângulo em outubro de 1892. Depois de uma breve passagem para estudos pelo Rio de Janeiro, retornou a Alagoas como comerciante. De 1928 a 1930, foi prefeito da cidade de Palmeira dos Índios. Graciliano Ramos morreu em março de 1953



Agência O Globo

**1** Porto Seguro (BA)–Palmeira dos Índios (AL)  
 Depois de longa peregrinação em fuga dos colonizadores, na direção dos sertões do Nordeste, os xucurus e os cariris, tribos da nação tupi, que em 1500 habitava o litoral, estabeleceram-se em Palmeira dos Índios. Ali, na aldeia da Fazenda Canto, nasceu o jogador Índio, em 1979



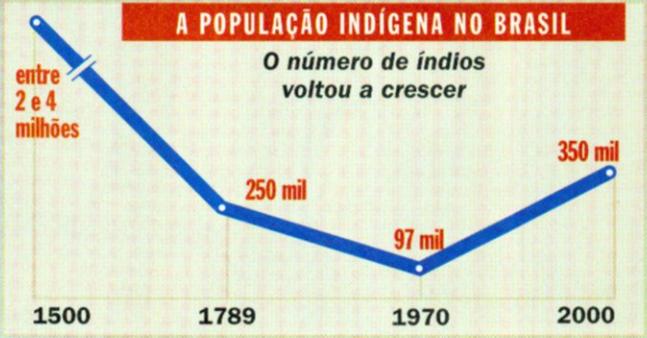
Eudes Regis/JC

**2** Palmeira dos Índios (AL)–Ibotirama (BA)  
 Os caciques xucurus e cariris, cansados de lutar contra os invasores brancos, passaram a brigar entre si. Em 1986, explodiu o confronto armado. O cacique Uarcana, o Zezinho Sátiro, pai do jogador Índio, foi acusado pela morte de um filho do cacique Celestino. A família Sátiro Xukuru teve de deixar Palmeira dos Índios. E foi para Ibotirama

**3** Ibotirama (BA)–Quixaba (BA)  
 A Funai comprou para os xucurus uma fazenda de Evelson Cavalcanti. Mas a paz durou pouco: o fazendeiro não permitiu a demarcação das terras. Zezinho Sátiro foi para Brasília pedir outra terra à Funai. Ao final de longa procura no Raso da Catarina, o cacique encontrou uma área de 30 hectares às margens do lago da Barragem de Moxotó, no Rio São Francisco

**4** Quixaba (BA)–Salvador (BA)  
 Índio foi descoberto pelo treinador Luciano Reis, técnico do Vitória, em 1995. Levado direto da aldeia para Salvador, sentiu saudade da família e fugiu de volta. Arrependido, decidiu ser jogador de futebol contra a vontade da família

**5** Salvador (BA)–São Paulo (SP)  
 Como lateral-direito do Vitória, disputou o torneio de juniores no Parque São Jorge, em São Paulo. Num jogo contra o Corinthians, foi descoberto novamente e contratado pelo clube paulista, no final de 1996. Promovido por Wanderley Luxemburgo ao time principal, defendeu o Brasil no Mundial Sub-20 da Nigéria, no ano passado



Fabiano Accorsi/ÉPOCA

Clóvis Ferreira/AE

Reprodução

PALMEIRA DOS ÍNDIOS (ALAGOAS)

# A vida pela terra

**Conflito entre caciques obrigou os Sático a deixar a Fazenda Canto**

Abril de 1500. Tocados do litoral pelos colonizadores, os nativos tupis foram se espalhando para dentro das selvas nordestinas, que então existiam, ganhando diferentes denominações. Os xucurus e os cariris, expulsos de Pernambuco, partiram para as matas dos Palmares, ao longo do Vale da Promissão, região central de Alagoas, onde hoje

Al je fica o município de Palmeira dos Índios, a 130 quilômetros de Maceió. Ali nasceu Índio, o jogador do Corinthians.

Pode-se dizer que sua família, os Sático Xukuru, é sobrevivente de uma série de massacres e sua simples existência, um milagre. Por três vezes, quando chegaram à região, em meados do século XVIII, na esteira de um

frade, Domingos de São José, os brancos atearam fogo nas matas dos Palmares para expulsar, se possível exterminar, os xucurus-cariris, que ocupavam as melhores terras. "Justamente aquelas onde havia água em abundância, solo fértil para o plantio e rico em caça e pesca", como registra o pesquisador alagoano Luiz B. Torres em seu livro *Os Índios Xukuru e Kariri em Palmeira dos Índios*. "Os índios sofreram ainda outros tipos de vexame: sevícia, perseguição, escravidão e morte, genocídio no duro", denuncia Torres.

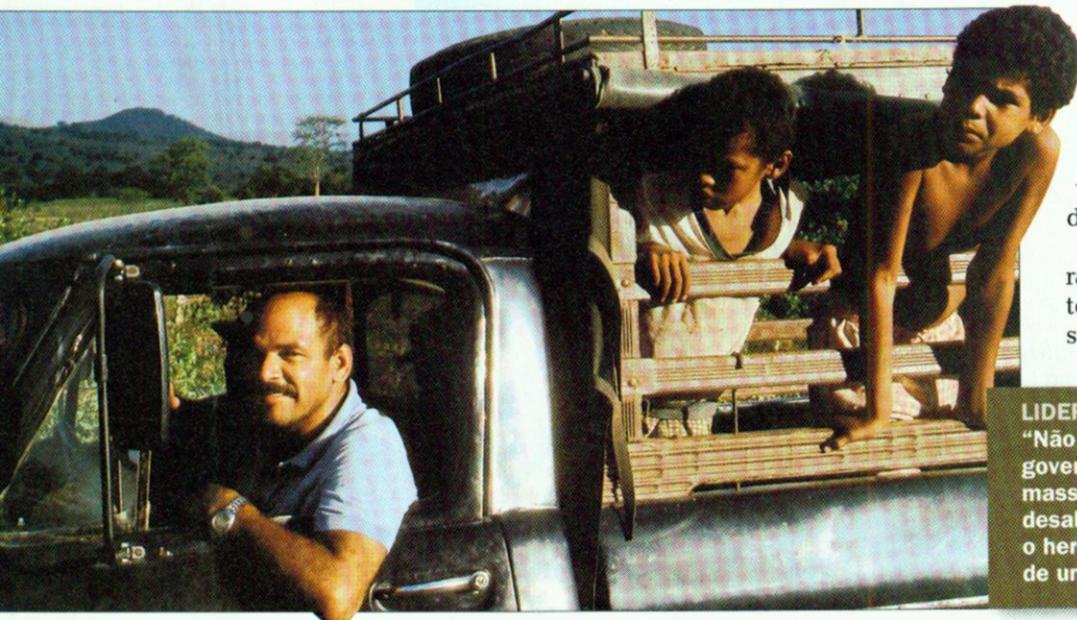
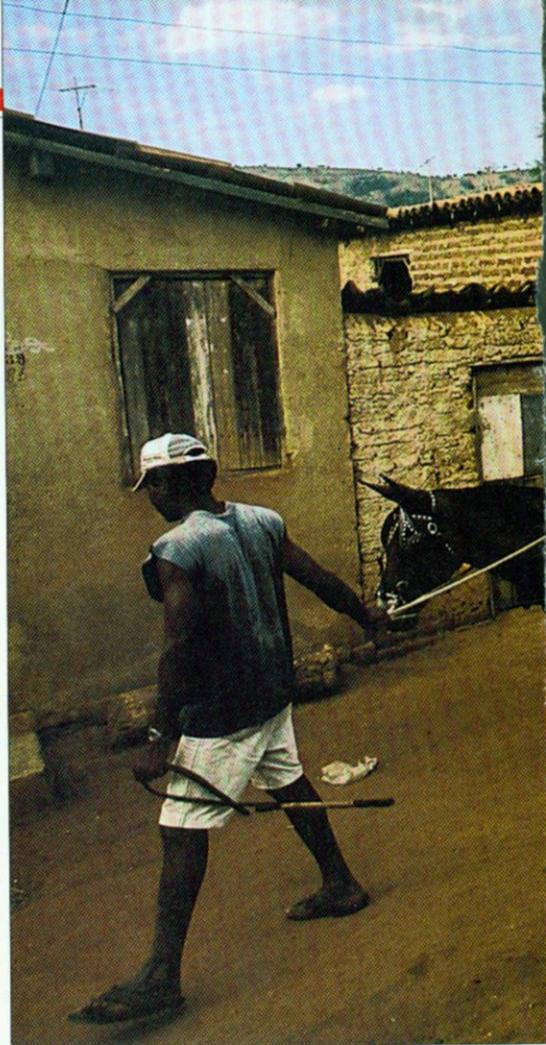
Até meados do século XX, eles ficaram isolados, vivendo em áreas distantes umas das outras nos maciços das serras da Boa Vista, Amaro, Kandará,

#### LIDERANÇA

"Não vamos participar da festa do governo, esses 500 anos foram de massacre contra os povos indígenas", desabafa Gecivaldo Ferrelira de Queiroz, o herdeiro dos caciques, a bordo de uma caminhonete D-20

Fazenda Canto  
Quebrângulo  
Palmeira dos Índios

GO  
Brasília





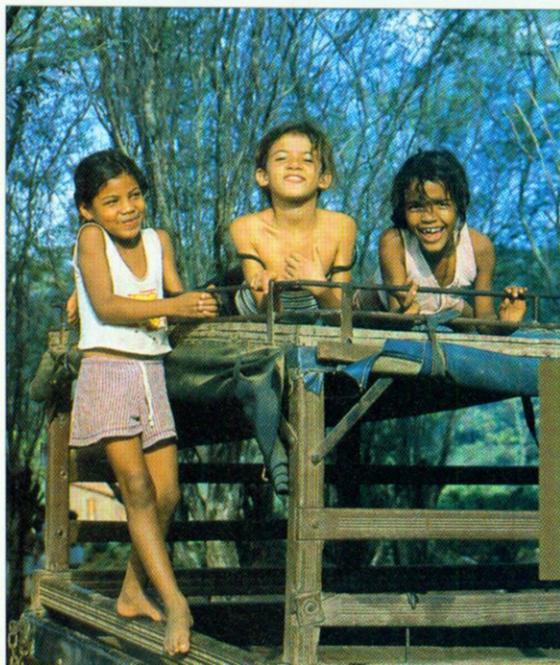
#### TRANQUILIDADE

Depois dos conflitos entre os caciques das famílias Sátiro e Celestino, em 1994, a aldeia da Fazenda Canto vive em paz. Os Sátiro foram para a Bahia e os Celestino, acusados de traição, fugiram

Mandioca e Goiti, onde nasceu a avó paterna do jogador, Antonia Maria Sátiro do Nascimento, de 74 anos, a dona Mocinha. A reunificação da tribo no mesmo espaço físico só se deu em 1952, graças a uma inusitada parceria entre dois latifundiários brancos,

Juca Sampaio e Amerencino Costa, e índios carajás e javaés da Ilha do Bananal, em Tocantins, que vendiam madeira e borracha. Foram eles que doaram os recursos para que os antigos donos da terra comprassem de Manezinho da Luz uma área de 870 hectares conhecida por Fazenda Canto, onde chegaram a viver mais de 2 mil xucurus-cariris.

Abril de 2000. Uma precária estrada de terra e pedras em estado bruto liga a civilização à Fazenda Canto, os 272 hectares que restam hoje sob domínio dos índios, entre os muni-



#### ESPERANÇA

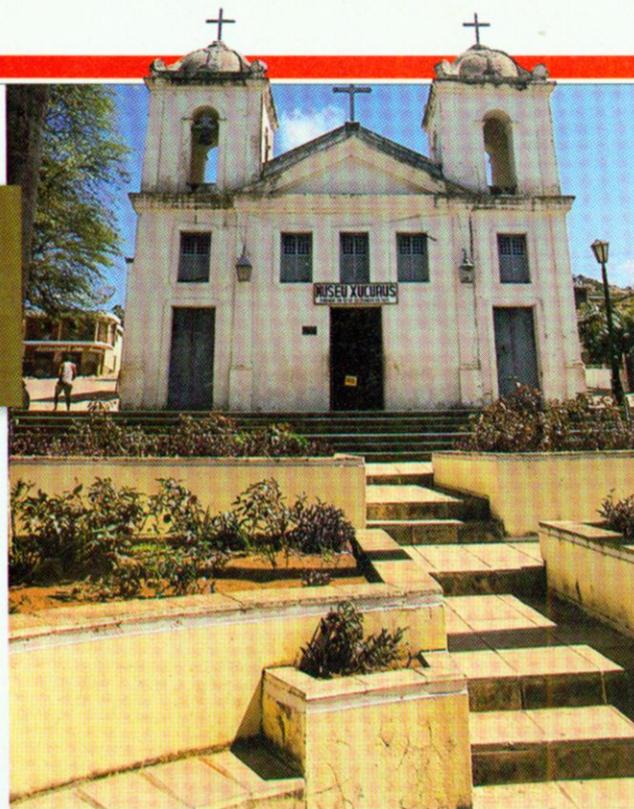
A maior queixa é a mesma do resto do país, a falta de trabalho. Os mais velhos preocupam-se com o futuro das 140 crianças matriculadas na escola inaugurada em 1972

cípios de Palmeira dos Índios e Quebrângulo, onde nasceu Graciliano Ramos (leia o quadro na página 90). Vivem nesse pedaço de chão 146 famílias, cerca de 900 xucurus-cariris, que reivindicam da Funai uma área de 36 mil hectares (na última medição, há cinco anos, a autarquia reconheceu o direito dos índios sobre 13.020 hectares, mas a área espera demarcação). Entre os atuais moradores da aldeia, restaram poucos parentes dos Sátiro, obrigados a deixar o lugar em 1986, depois de um dos muitos conflitos entre as diferentes famílias de xucurus-

cariris, que passaram a brigar entre si à medida que iam perdendo terras para os brancos.

Recomeçava a saga, que ainda não terminou, dos Sátiro Xukuru em busca de uma terra para viver em paz. "O conflito mais pesado era comigo mesmo", conta Antonio José Sátiro do Nascimento, o cacique Zezinho, pai do jogador corintiano, que hoje mora no povoado de Guarda dos Ferreiros, em São Gotardo, a 312 quilômetros de Belo Horizonte. "Tomei a decisão de não deixar mais índio preguiçoso e falso pegar o que era nosso, roubar nossa roça", explica, referindo-se aos rivais da família Celestino. "Juntei um grupo de 56 pais de família, freitei um ônibus e fomos procurar a Funai em Brasília."

Em Brasília, disseram-lhe que em briga de índio a Funai não iria se meter. Na viagem de volta, o grupo de Zezinho decidiu fazer justiça com as próprias armas. Sobrou bala e facada para todo lado. Um filho do cacique Celestino caiu morto. Zezinho foi acusado de matar João Celestino a facadas. ►



**MEMÓRIA**  
Construída por  
escravos em 1905, a  
Igreja do Rosário  
abriga hoje o Museu  
Xucurus, na praça  
central de Palmeira

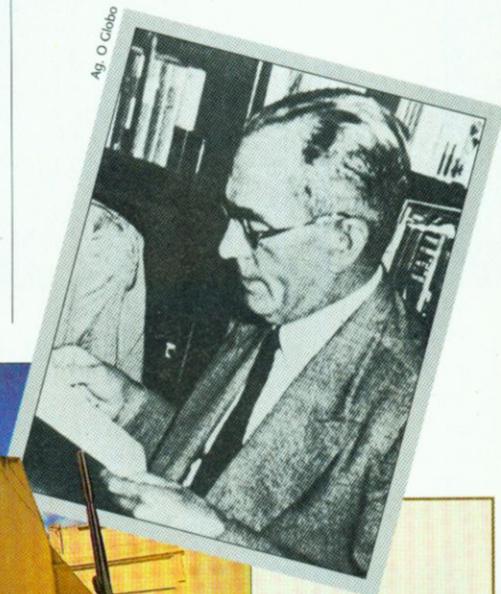
"Na confusão, dei e levei. Bala trocada não dói. Aí encheu de pessoal da Funai, da Polícia Militar, da Polícia Federal em cima de mim aqui na aldeia", diz Zezinho. "Por que não vieram antes?" Não havia mais jeito de ficar na aldeia.

Na casa da família Sátiro na Fazenda Canto, do outro lado do riacho do Engenho Velho, restaram apenas tia Lina e uns poucos parentes. Ficaram para trás também a escola, hoje com 140 alunos, as pequenas lavouras de subsistência, a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, a dança sagrada do iricuri no terreiro da mata. Em 1994, o cacique Celestino, acusado de trair a tribo, também teve de deixar a Fazenda Canto. Pouco depois,

morreu o pajé, Miguel Celestino. Os conflitos acabaram.

O líder dos xucurus-cariris agora é Gecivaldo Ferreira de Queiroz, de 42 anos. Ao volante de uma caminhonete D-20, ele mais parece um capataz de fazenda. Reivindica para a

aldeia trator, implementos, irrigação, um transformador de energia mais potente e, sobretudo, a demarcação das terras. "Senão, os jovens vão embora, a aldeia acaba", resume. O morador mais antigo da aldeia, Cassimiro Aleixo da Silva, de 81 anos, fez o caminho inverso. Em 1956, depois de trabalhar durante 15 anos como empregado de um moinho de trigo no Rio de Janeiro, voltou para a aldeia quando a esposa ficou doente. Tinha saudade da família. "Com certeza, aqui a gente vive melhor que na cidade grande, onde tem emprego hoje e amanhã não tem. Aqui, de qualquer jeito, a gente sobrevive", resume Cassimiro.

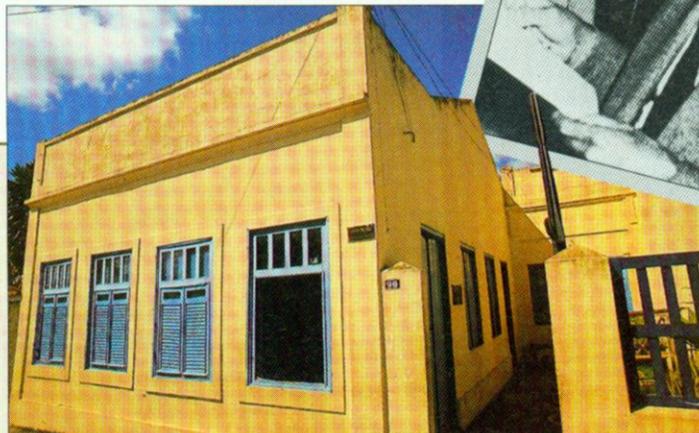


Ag. O Globo

## A profecia torta de Graciliano Ramos

Para o escritor, o Brasil não tinha vocação para o futebol

Graciliano Ramos, um dos mais respeitados escritores brasileiros, autor de *São Bernardo*, *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*, era um arguto observador da vida política do país. Como prefeito de Palmeira dos Índios, de 1928 a 1930, transformou em literatura os despachos enviados aos funcionários da administração municipal. Ao menos uma vez em sua vida, contudo, em 1921, aos 29 anos de idade, Graciliano fez uma profecia que o tempo tratou de enterrar. Num artigo escrito para o semanário *O Índio*,



**POLÍTICA**  
A casa no centro da cidade é a lembrança do tempo em que Graça foi prefeito de Palmeira

com o pseudônimo de J. Calisto, ele anunciava a impossibilidade de o futebol tornar-se popular no Brasil. O texto de Graça é um primor de equívocos: "Pensa-se em introduzir o futebol nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente... Temos

esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância... estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega". Se dependesse de Graciliano, o Índio do Corinthians nunca teria calçado chuteiras.



**ABANDONO**  
Cacique Zezé e a família. Os Sátiro de Quixaba sentem-se esquecidos pelos parentes e pela Funai

QUIXABA (BAHIA)

# Mágoa sertaneja

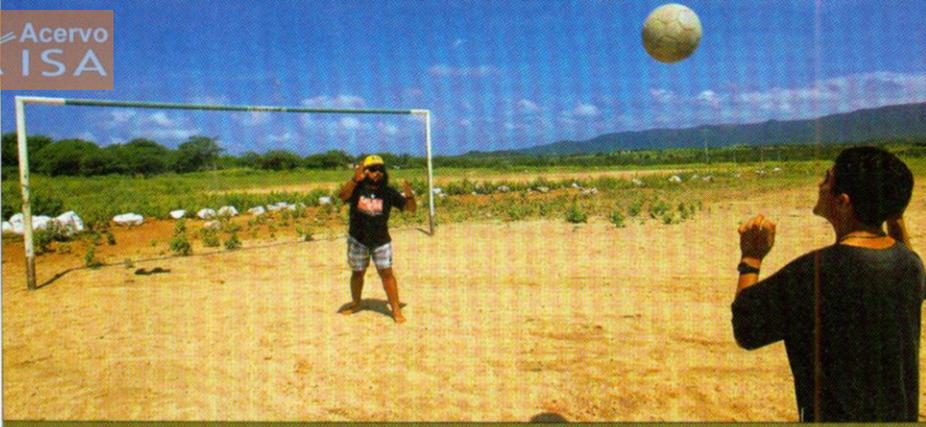
**Outra tragédia, e mais uma vez eles partem pela estrada em busca de paz**



“Não quero que meus netos vejam o que estou vendo”, decretou o cacique Mané, pai do cacique Zezinho e avô de Índio, diante dos rastros de sangue do conflito entre os Sátiro e os Celestino. E decidiu que era hora de deixar Palmeira dos Índios. Ir para onde? O cacique Zezinho e parte da família abrigaram-se na casa de um compadre de Jânio, o mais velho de seus 13 filhos (oito já morreram), na aldeia de Morrinhos, não muito distante da

Fazenda Canto. “Achei melhor ficar fora da aldeia. Podia morrer ou matar mais gente”, diz Zezinho.

Enquanto isso, outra parte da família acompanhava funcionários da Funai em busca de nova terra. Andaram por Cabrobó, em Pernambuco, um cenário célebre do cangaço (*leia o quadro na página 96*), e por Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Na en-



**ESTÁDIO** O campo de terra batida é conhecido como La Bombonera do Correlão

cruzilhada da História dos brancos, os xucurus-cariris chegaram a Ibotirama, no oeste da Bahia. Descobriram que a terra ficava do outro lado do Rio São Francisco, em Barra – uma área de litígios fundiários, além de exposta a constantes inundações. Depois de ter vivido 18 meses na casa do compadre, o cacique Zezinho fretou um carro e levou três dias para alcançar o local. Com a indenização de “100 mil contos” que recebeu pelas benfeitorias deixadas na Fazenda Canto, comprou quatro casas no povoado de Passagem e ficou esperando a chegada do restante da família.

**A Funai não manda cesta básica desde janeiro. Não sobra dinheiro nem para comprar veneno para me matar**

**DONA MOCINHA,**  
avó do jogador Índio



Quando funcionários da Enterba, estatal do governo da Bahia, foram demarcar as terras junto com os índios, o fazendeiro que vendera a área de 67 hectares à Funai, Evelson Cunha Cavalcanti, apareceu com quatro jagunços. Estava montado o palco para um novo confronto, já que os índios também andavam armados.

“O senhor tem o que perder. Nós, não. Só temos a vida”, declamou o cacique Zezinho. O funcionário da Funai contornou o barulho em seu início. “Saí de uma guerra e vim para outra pior”, lembra o cacique. Achou melhor voltar para Brasília e pedir outra terra ao presidente da Funai, Romero Jucá. Para encurtar a história, acabaram encontrando uma área de 18 hectares, às

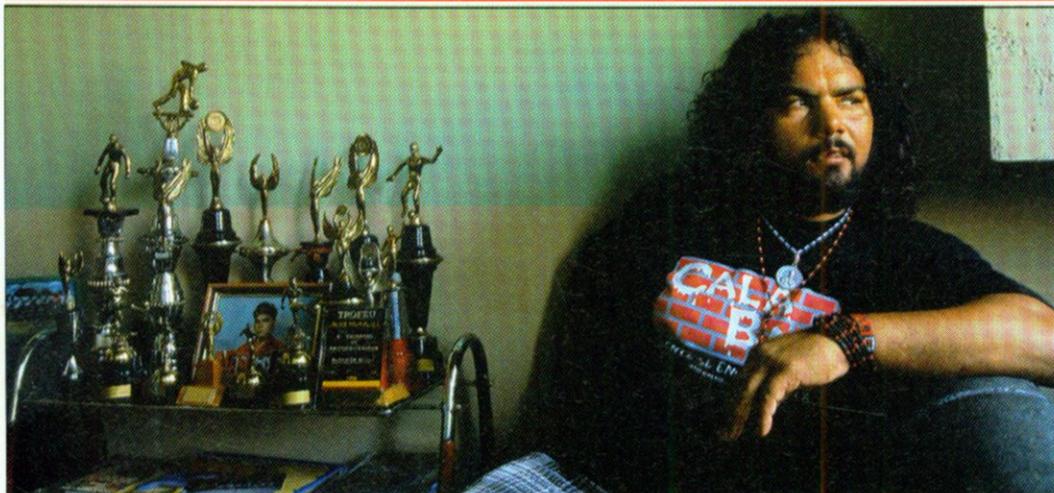
margens do São Francisco, no povoado de Quixaba, próximo a Paulo Afonso. Viveram felizes durante 14 anos, até que outra tragédia tocara os Sátiro de lá, em 1998.

O povoado em Quixaba nem parece uma aldeia. São 13 casas de alvenaria com banheiros – uma raridade na região –, construídas com a verba de US\$ 35.500 ofertada por padres italianos da diocese de Paulo Afonso. Luz elétrica, duas enormes caixas-d’água com água tratada, um generoso pomar, plantações diversas, galinhas criadas soltas, crianças andando de bicicleta – à primeira vista, uma paisagem idílica. Mas os 41 parentes de Índio que ficaram na aldeia são um poço de mágoas e queixas. Soltam os cachorros em cima do parente famoso e dos Sátiro que foram embora.

A mais revoltada é a matriarca, Antonia Maria Sátiro do Nascimento, de 74 anos, a dona Mocinha, avó paterna. “Só sei falar a verdade”, vai logo avisando, antes da primeira pergunta. Ao lado do cacique Zezé, filho mais novo, que assumiu o comando da aldeia na ausência de Zezinho, ela diz que não gosta de falar no neto jogador de futebol. “O Nena só pensa nele e nos pais, esqueceu o resto da família”, queixa-se. “Mandou buscar até a imagem do Padre Cícero, a televisão e a antena parabólica que tinha dado para a aldeia.” ▶



**FOGÃO**  
Improvisto a lenha



**Estou triste, dinheiro não pode mudar a pessoa. Tem de dar valor para quem ajudou no começo da carreira**

**NINO FLA,**  
ex-goleiro e primeiro treinador de Índio

"Eu só gosto de quem me adora, pode ser neto ou quem for", desabafa a matriarca indignada, com a voz firme e a autoridade que lhe confere uma condição singular: é a única que ganha salário na família – os R\$ 136 do mínimo de aposentada do Funrural. "Não sobra dinheiro nem para comprar veneno para me matar", dramatiza.

Outro que não se conforma é Eronildo José de Araújo, de 34 anos, o folclórico Nino Fla, o primeiro técnico de Índio, repórter esportivo da Rádio Bahia Nordeste, de Paulo Afonso. Mostrando velhos álbuns com as primeiras fotos de Índio como jogador do Nacional de Quixaba, lembra dos tempos em que o lateral do Corinthians jogava descalço no La Bombonera do Correião, o campo de areia e pedra às margens do São Francisco. O "estádio" sem arquibancadas ganhou esse nome por causa da pressão que a torcida exerce sobre os jogadores – como no campo do

Boca Juniors, em Buenos Aires – e em homenagem ao fundador do povoado, José Hortêncio Correia.

"Ele sempre foi bom menino, bom jogador. Só estou muito triste porque nunca mais deu um plá para nós", lamenta Nino Fla. Como todos os outros,



Ag. O Globo

Índio tinha de pagar para jogar no time. Até hoje, o técnico só não entende como ele conseguia entrar em campo logo depois de devorar um "rubacão", prato cheio de baião-de-dois (feijão, arroz e tocinho) com peixe frito. No intervalo das partidas, lembra Nino Fla, ele ainda comia rapadura com amendoim "para ficar forte e com tesão". As boas lembranças acabaram-se há dois anos, quando Jânio, de 22 anos, o irmão mais velho de Índio, matou o jovem Aldo Alcântara. Há duas versões. Testemunhas ouvidas em Quixaba contam que Jânio atirou em Aldo após uma discussão no La Bombonera do Correião. O cacique Zezinho sustenta que o filho reagiu a um assalto.

O certo é que, depois de outra morte, um ramo dos Sátiro teve de deixar a aldeia de Quixaba e prosseguir a saga em busca de terra para viver. Próximo destino: Guarda dos Ferreiros, São Gotardo, em Minas Gerais. ▽

## Robin Hood do agreste ou bandido?

Lampião, o rei do cangaço, é o mais polêmico mito nordestino

**T**ivessem feito suas andanças pelo sertão nordestino nos anos 20 e 30, os índios do grupo Sátiro Xukuru poderiam deparar com o bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Na madrugada de 28 de julho de 1938, depois de longa perseguição, Lampião foi alcançado pela polícia numa tocaia em Angicos, no sertão de Sergipe. Morto

o homem, nascia um dos maiores mitos do Nordeste.

A história de Lampião tem como origem a briga entre duas famílias: os Ferreira e os Saturnino, desavindas por causa de um chocalho de gado que teria sido furtado pelo célebre cangaceiro. Desse imbróglio aparentemente fútil, mas fundamental naquele período da vida

## CASAL EXPLOSIVO

Em 1930, as mulheres foram aceitas no bando de Lampião. Entre elas, Maria Déia, a Maria Bonita, que se tornaria a grande companheira da vida do cangaceiro mais famoso do Brasil

nordestina, explodiu a guerra de bandos. Em Serra Talhada, em Pernambuco, cidade perto do povoado onde nasceu, Lampião é tido como o Robin Hood do agreste. "Ele ficava doido de raiva quando via um comerciante ou fazendeiro ostentando riqueza enquanto os vizinhos passavam fome", disse, em 1962, um de seus companheiros, Antenor José de Lima.

## FESTA NO CIMENTO

No dia de seu aniversário, o cacique Zezinho lidera os índios na dança do toré. No final, ele faz um pedido: "Deixa um dinheiro para comprar balas para as crianças e melado para os velhos"



GUARDA DOS FERREIROS (MINAS GERAIS)

# Tribo no quintal

À espera da Funai, o cacique sem chão mora numa casa alugada e vive de favores



São 312 quilômetros pela BR-262 de Belo Horizonte, em direção ao Triângulo Mineiro, até São Gotardo. Antes da cidade, no entroncamento para Patos de Minas, avista-se o povoado de Guarda dos Ferreiros. Na pracinha, todos sabem onde moram os índios. É fácil: depois do segundo quebra-mo-

las, entra-se na segunda à esquerda. Rua Belo Horizonte, 70. Ali, num terreno de 400 metros quadrados, casa de alvenaria sem reboco, quintal todo cimentado, muros erguidos com placas de concreto e uma enorme antena parabólica na entrada, vive agora a família do cacique Zezinho, pai



de Índio, depois do “acontecido” em Quixaba.

É o fim da linha na saga de cinco séculos dos xucurus-cariris em busca de um pedaço de terra. De longe, sente-se o cheiro do churrasco improvisado no quintal. Ouve-se o som das maracas anunciando o toré – a dança festiva de quem já perdeu tudo, menos a alegria e os ritos milenares. Lá vêm eles, os 42 xucurus-cariris albergados nessa “aldeia” de quatro casas, alugadas por R\$ 200 mensais cada uma. Pintados e armados com tacapes, alguns usam tênis e bermudas. As mulheres protegem-se com bustiês por baixo dos ornamentos de palha, menos desnudas que as brancas no Carnaval carioca. Estão todos prontos para homenagear o cacique na festa destinada à comemoração de seus 53 anos.

“Não era para estar aqui pedindo terra a branco. Branco é que deveria pedir terra para nós. Nós chegamos antes. E agora estamos aqui pagando aluguel. Isso é um absurdo”, desabafa Zezinho enquanto afasta os varais de roupa, inconformado com o pouco espaço que sobrou para dançar o toré, num quintal. Todos os meses, há mais de um ano, junto com Francisco de Assis da Silva, o cacique dos 40 aticuns que moram na mesma rua, ele viaja oito horas até Brasília. ▶



ALTAR Debalxo da TV, as faixas de campeão no Corinthians

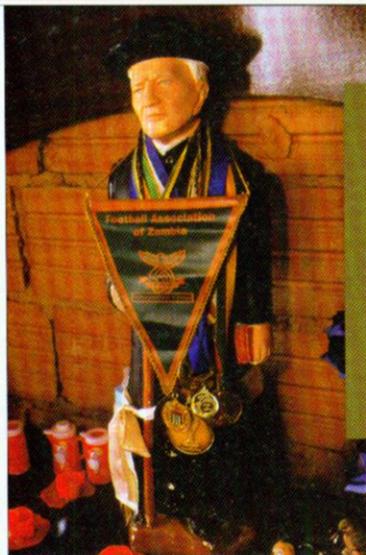


NA TELA O ídolo há tempos não aparece por lá, mas deixou o televisor para os parentes

Vai repetir à Funai a pergunta: "Já foi liberada a verba da nossa terra?" Segundo a entidade, depois do dinheiro seguirão os técnicos incumbidos de comprar uma das oito áreas indicadas pelos caciques para abrigar as aldeias em São Gotardo.

Os aticuns chegaram antes a Guarda dos Ferreiros. Tiveram de deixar a aldeia em Floresta, em Pernambuco, depois de três anos de seca, e ajudaram a abrigar os xucurus-cariris, abandonados pela Funai sem comida nem dinheiro. "Viemos aqui para passar 15 dias, até encontrar uma terra, mas já estamos esperando há um ano e quatro meses", queixa-se o aniversariante. Quem também os acudiu foi um sitiante branco, Wilson André, espécie de avalista dos índios, pois lhes garante crédito no comércio sempre que a ajuda da Funai demora a chegar.

"Esse é o primeiro branco que ajuda índio, mas ninguém sabe o dia de amanhã... Vai ver se ele não está de falsidade, assoprando para depois morder...", brinca o cacique Zezinho, inconformado com a necessidade de recorrer a favores com a idade que tem. "Índio do Nordeste está acostumado a trabalhar na terra. Não é como índio do sul, que vive dentro da Funai e fica esperando até acender fósforo para eles", compara. Criado no mato, o



**PADIM** A imagem de Padre Cícero foi trazida da aldeia de Quixaba. A flâmula da seleção da Zâmbia, Índio ganhou quando jogou pelo escrete brasileiro de juniores

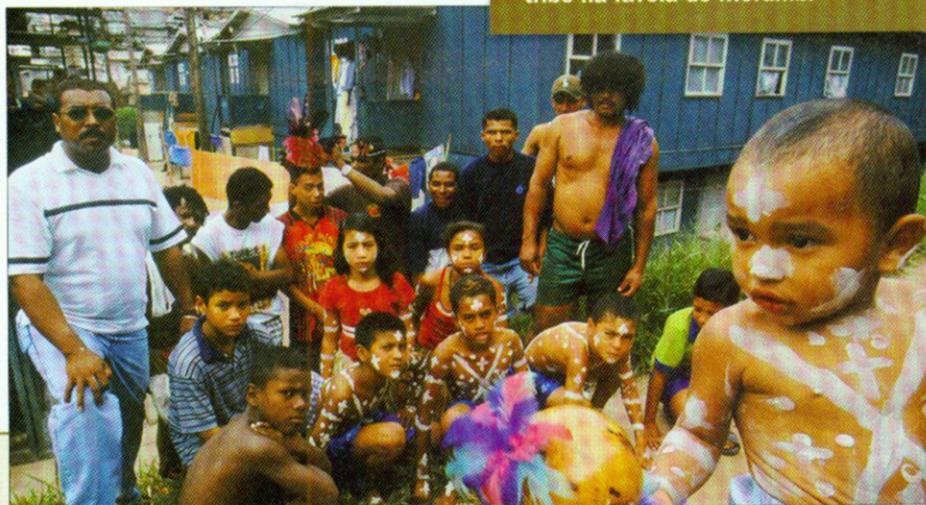
cacique não teve contato com o homem branco até a ado-

lescência. "Aí apareceu um holandês, o padre Ludgero, e começou a desgraça do índio", recorda. "Em troca de um quilo de arroz e de farinha, ele levava as crianças da aldeia para dançar na cidade. Depois, a garotada ia ficando na casa dos ricos, acostumavam com prato colorex, panela de alumínio. Quando

voltava para casa, ninguém gostava mais dos costumes da aldeia."

O cacique Zezinho evita lembranças dos tempos em que os jovens da aldeia eram obrigados pelos pais a se apresentar nos circos da região em troca da ajuda do padre Ludgero. "Se fosse adulto, não tinha aceitado." Óculos escuros, relógio, aliança, camisa do Corinthians, sai pedalando a bicicleta Ceci cor-de-rosa rumo ao orelhão, sempre que bate a saudade de Nena, o filho famoso que agora tem celular. "Senti demais quando ele saiu de casa, era muito criança. Mas teve coragem para enfrentar o mundo sozinho. Hoje, é um orgulho e uma ajuda também. Quando a gente está mais necessitado, é só bater uma linha que ele ajuda", conta o cacique sem aldeia, ainda à espera de um pedaço de chão, 500 anos depois do desembarque de Pedro Álvares Cabral. ■

**CACIQUE** Barros (à esq.) lídera a tribo na favela do Morumbi



## Os pancararus do Morumbi

**Silvícolas ajudaram a construir o Estádio do São Paulo**

**S**eparados pelas águas do São Francisco, do lado baiano ficam os xucurus-cariris da família Sátiro. Na margem pernambucana estão os 4.500 sobreviventes pancararus de Petrolândia, Jatoá e Itacaratu. A uni-los, o destino comum do futebol: nos anos 50, 30 pancararus deixaram a aldeia para trabalhar na construção do Estádio do Morumbi.

Em São Paulo, os representantes das duas nações indígenas ainda não se encontraram, embora a distância que os separa seja a mesma que havia no Nordeste de suas origens, agora ao longo de dois rios. Índio trabalha e vive no Parque São Jorge, às margens do Tietê. Setenta por cento dos 950 pancararus de 355 famílias que moram em São Paulo estão até hoje provisoriamente instalados em galpões da prefeitura às margens do Rio Pinheiros, na Favela do Real Parque, incrustada na aristocrático bairro do Morumbi.

Vivem na mesma situação dos xucurus-cariris de Guarda dos Ferreiros, à espera de terra. Frederico Barros, de 44 anos, presidente da Associação SOS Pancararu, criada há cinco anos em São Paulo, garante que o governo do Estado já aprovou, há dois anos, a verba de R\$ 532 mil para a aquisição de uma área no interior destinada à construção de moradias para os pancararus. "Eu vi a ata assinada pelo governador", confirma o líder da aldeia favelada. "Mas ninguém sabe onde está o dinheiro."